

O SIGNO “RESISTÊNCIA” NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NO BRASIL

THE SIGN "RESISTANCE" IN THE PRESIDENTIAL ELECTIONS OF 2018 IN BRAZIL

Luciane de Paula¹

Fábio Augusto Alves de Oliveira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, fundamentado no pensamento do Círculo de Bakhtin, a valoração do signo “resistência”, no qual se expressa a bivocalidade polêmica de luta de grupos e classes sociais em interação nas redes sociais. Signo ideológico e enunciado são os conceitos-chave mobilizados para amparar a reflexão acerca do embate de vozes sociais em jogo, em um momento de tensão específico: as eleições para a presidência da república, em 2018, no Brasil. Os objetos de análise são duas postagens de duas páginas do *Facebook*. O critério metodológico de escolha se voltou à expressividade da circulação excessiva que as tornou ícones dos valores que representam. A justificativa se centra na importância da linguagem no jogo social e do papel das redes no processo político desse evento. Os resultados focam na abertura plurissignificativa do signo “resistência”, tomado como arena que reflete e refrata posições sociais de sujeitos situados num lugar-tempo de tensão política.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the communication interactions on social media, taking into account the thoughts of Bakhtin Circle as a theoretical and methodological basis and understanding the relationship of that with the idea of resistance and its influence on political polarization. In order to study that is necessary to use the concept of ideological sign and the concept of utterance, especially in a moment of social tension that Brazil's 2018 Presidential Election was. The objects of analysis are posts taken from two pages of the social network Facebook, since this platform played a significant role throughout the electoral process. The justification is found useful for analyzing and reflecting about contemporary communication processes, focusing on the political sphere and also on the media sphere. Hence, we can see a reframing of the ideological sign which happens with the idea of resistance, showing the social positions of subjects surrounded by political tension.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; vozes sociais; signo ideológico.

Keywords: Bakhtin Circle; social voices; ideological sign.

Introdução

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-Araraquara. Pós-doutora pela Université François Rabelais (France). Professora e coordenadora do PROFLETRAS-UNESP. Editora executiva da Revista ALFA-UNESP. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com

² Graduando em Letras pela UNESP-Araraquara. Membro do GED – Grupo de Estudos Discursivos. E-mail: fabio.augusto357@live.com

Bakhtin (2016) afirmou que as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis. Os campos ou esferas de atividade ligam a língua(gem) à sua lógica e valores de mundo. Tais campos não se desenvolvem sozinhos e isolados. Pelo contrário. A interação social os mantém em contato. Nos enunciados a serem analisados aqui (dois *posts*³ de duas páginas do *Facebook*), as esferas política e midiática ganham centralidade no evento das eleições presidenciais no Brasil, em 2018, mas não apenas nessa ocasião e sim de lá para cá.

As redes sociais, na contemporaneidade, alteram e são alteradas, por cada vez mais, as práticas sociais as mais diversas, em interseção com as mais variadas esferas (a política, a econômica, a educacional, a estética etc). No caso das eleições presidenciais de 2018, no Brasil, as redes sociais foram fulcrais para viralizações de *fake news* e formação de opiniões, não apenas em páginas públicas, mas em grupos de família. Desde então, não se sabe mais a fonte de origem de determinada postagem, pois ela atravessa diversas plataformas e circula, como o nome diz, em rede. O *Whatsapp* se tornou o centro de divulgação de *posts*, vídeos, notícias e demais enunciados, em geral publicados em outras plataformas (*Youtube*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, jornais e revistas digitais etc).

Este artigo se volta a esse processo, tendo como foco as tensões políticas travadas em uma dessas redes, o *Facebook*, uma plataforma que comporta páginas com *posts* e comentários, regulada por um administrador, que, junto com outras, funcionou, na época das eleições presidenciais do ano passado (mas antes disso e até hoje também), como espaço de organização de manifestações as mais variadas (desde eventos dentro e fora da rede até *lives*, *stores* e transmissões ao vivo), comitê de campanha, local de debates e de marcação de posicionamentos – seja por meio de curtidas e comentários, seja pelas postagens.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a construção da significação do signo “resistência”, divulgado nas plataformas digitais, em especial no *Facebook*, como rede viva, que constrói práticas sociais e revela posicionamentos.

³ *Posts* podem se configurar em enunciados de gêneros diversos. No caso a ser aqui analisado, por exemplo: um desenho, com a frase “Ninguém solta a mão de ninguém”, feito para tatuagem, criado por Thereza Nardelli, viralizado em 28/10/2018 por ter sido compartilhado por diversos famosos (como Bruna Marquezine, Pablo Vittar, Bruno Gagliasso e Monica Iozzi, por exemplo) poucas horas depois da divulgação do resultado das eleições presidenciais com o anúncio da vitória de Bolsonaro. O desenho logo subiu para e permaneceu entre os “*trending topic*” da semana, não apenas no *Twitter*, mas em diversas plataformas. Hoje, mais de seis meses depois das eleições, tanto a frase solta quanto o desenho completo se tornaram ícones da resistência contra o governo eleito; e uma charge, um dia depois, em resposta ao pronunciamento de Haddad no dia 28. A charge apresenta uma crítica, calcada na palavra “resistência”, tomada em sentido amplo, muito mais que um lexema.

Parte-se do evento do processo eleitoral, em que o signo ideológico “resistência” ganhou visibilidade com valorações opostas, tornando-se centro irradiador de tensões, desde *posts* (como os dois aqui analisados, escolhidos pela viralização que os tornou ícones valorativos a ponto de extrapolarem o *Facebook* e as demais redes sociais em geral) até temas de capa e de perfil de páginas da plataforma mencionada (tais como “Se fere minha existência, serei resistência” – também transformada em *post*, pelo mesmo motivo da viralização, como será mostrado adiante, por cotejo com o *corpus* a ser analisado – e suas variações: “Se fere qualquer existência, serei resistência” ou apenas “Serei resistência!”).

O signo ideológico é o mote deste trabalho, que procura compreender como visões de mundo interpretam a resistência com valores que refletem e refratam vozes sociais, por vezes, antagônicas, como ocorre nos *posts* analisados.

A eleição presidencial em 2018, no Brasil, foi marcante não apenas por ser posterior ao processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e concomitante ao julgamento de Luiz Inácio Lula da Silva, mas também (e até ligado a esses momentos da política brasileira) por protagonizar uma cisão política que, para Ribeiro (2018), tem formação próxima às manifestações de 2013. A ideia de resistência ganha destaque, principalmente, depois do resultado do segundo turno, potencializada pelas redes sociais.

Ribeiro aponta como o *Facebook* integrou uma polarização de narrativas que, segundo o autor, pode ser designada por sujeitos “antipetistas” e “anti-antipetistas”. Ribeiro esclarece como tais narrativas se expressam na rede, divididas em grupos de interesses (militarismo, liberalismo, “família e bons costumes”, nação, direitos humanos etc).

A relevância das plataformas digitais no processo eleitoral não pode ser omitida. As redes sociais fazem parte da vida contemporânea e, por isso, são utilizadas pelo *marketing* como *locus* efetivo para atingir diretamente dado público-alvo de maneira cotidiana, devido à nova configuração social. Da mesma forma, elas também se configuraram como *locus* central de embates políticos, quase que como um outro comitê de campanha. A importância do seu papel justifica uma reflexão sobre todo o processo que, aqui, delimita-se a dois enunciados oriundos do *Facebook*, mas que também transitaram por outras plataformas.

Para o Círculo bakhtiniano, o sujeito se constitui na relação dialógica de embate de vozes que ocorre em qualquer âmbito, o que inclui o meio digital, parte da vida contemporânea. Ao pensar nisso, é que o signo resistência apareceu como elemento a ser

analisado, uma vez que se colocar, como resistência ou não, na relação com o outro, em defesa de determinados valores e em oposição a outros, expressa posicionamento no mundo.

Ver como isso ocorre nas redes e o quanto elas balizam as relações nessa sociedade e nesse momento histórico, configurado pela dicotomia direita e esquerda, significa pensar sobre a contradição contraditória colocada na arena discursiva, que reflete e refrata a luta de classes e grupos. Mais que tratar de um signo, este artigo pretende, por meio da análise empreendida, refletir sobre esse processo político social vivido desde 2018, no Brasil.

Os dois enunciados selecionados, cada um de uma página no *Facebook*, foram escolhidos pelo critério de sua circulação. O primeiro *post*⁴ foi retirado de *Quebrando o tabu*⁵, página de tendência progressista de impacto (10.825.346 curtidas no dia 03/06/2019) e foi escolhido porque viralizou nas redes, conforme já mencionado. O outro *post*⁶, retirado de uma das doze páginas denominadas *Bolsonaro opressor*⁷ (página com 9.452 curtidas no dia 03/06/2019), escolhida, tanto pelo nome que a intitula.

O segundo *post*, de certa forma, é oposto ao primeiro, pois atualiza a concepção de que resistir é prejudicial e também foi escolhido por circular não apenas na página de onde foi retirado, mas em páginas de mesmo teor (como *Canal da Direita*) e outras plataformas (*Blogs* e *Twitter*, em resposta a jornais e outros meios).

Em certa medida, as duas páginas mencionadas se espelham, pois o teor delas se volta à construção da imagem de um “mito opressor”, voltado a Jair Bolsonaro. Por isso, a escolha de dois posts de muita circulação, advindos de tais páginas: ver, nos extremos, a valoração de “resistência” como arena de lutas sociais que reflete e refrata a tensão política.

Resistência, após os resultados das eleições de 2018, passa a ser a palavra da vez. Em campos semelhantes, as páginas postam conteúdos que revelam posicionamentos antagônicos. Como cotejo, para exemplificar essa afirmação, o *post*⁸ que segue, da página *Quebrando o tabu*, aponta para valores de união como forma de resistência às ideias disseminadas pelo

⁴<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/a.575920612464330/2206309282758780/?type=3&theater>. Acesso em 03/06/2019.

⁵ <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/>. Acesso em 03/06/2019.

⁶<https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1054710761382529/?type=3&theater>. Acesso em 03/06/2019.

⁷https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/?tn-str=k*F. Acesso em 03/06/2019.

⁸<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/a.177940715595657/2168901539832888/?type=3&theater>. Acesso em 03/06/2019.

governo Bolsonaro (contra os direitos humanos, a favor do armamento, contra a diversidade, com postura autoritária e discriminatória etc):

Figura 1



Fonte: *Quebrando o tabu* (Facebook)

Já o *post*⁹ que segue, da página *Bolsonaro Opressor*, responde, de forma irônica (“Não aguenta nem a zoeira no *Facebook*”), aos sentidos de resistir como ato de protesto e renúncia (como atualizado no segundo *post* a ser aqui analisado, a charge da mesma página), ressignificando o signo com a ideia de recusa ao progresso, como o que tem sido chamado de “mimimi”: o sujeito, na imagem, um menino, está de olhos virados para cima, impaciente:

Figura 2



Fonte: *Bolsonaro Opressor* (Facebook)

⁹<https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1056605014526437/?type=3&theater>. Acesso em 03/06/2019.

A imagem de Guilherme Boulos¹⁰, de *Bolsonaro Opressor*, é ironizada e, com ela, resistir ganha valor de preguiça e “vagabundagem”, pois recusa ao trabalho:

Figura 3



Fonte: *Bolsonaro Opressor* (Facebook)

Não é à toa que Boulos é o sujeito ironizado, pois ele integra o MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, mal visto, por dados grupos, que consideram seus integrantes “bandidos”, marginais que atrapalham o país e “não querem” trabalhar.

Os sentidos ressignificados pela ironia e pela sátira no *post* demonstram a responsividade do enunciado e atualizam uma visão de mundo de determinado grupo (favorável a Bolsonaro) ao signo “resistência”. Nesse caso, a resistência ao trabalho, ou seja, ao emprego, colocado como uma proposta de Bolsonaro, por um sujeito que representa o grupo dos trabalhadores sem teto, como oposição ao “mito opressor¹¹”. Essa ressignificação reflete e refrata um ponto de vista preconceituoso e discriminatório tanto ao que concerne à figura de Boulos quanto ao MTST e ainda aos trabalhadores em geral.

Para o Círculo, os enunciados mantêm relação entre si e desconsiderar isso significa perder parte da compreensão do processo linguístico social: “Não compreenderemos nunca a construção de qualquer enunciação [...] se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto [...]” (VOLÓCHINOV,

¹⁰ <https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1055768574610081/?type=3&theater>. Acesso em 03/06/2019.

¹¹ O termo “opressor” relacionado a Bolsonaro na página de onde o *post* é retirado também apresenta sentido invertido, pois ironia provocativa a quem assim o designa, uma vez que a página coaduna com os valores propagados como típicos do, agora, presidente, entendido como “mito”. Assim, o adjetivo passa a ter, ironicamente, tom positivo para quem segue a página e coaduna com os valores e as propostas do, então, candidato, entendido como “mito” de desenvolvimento do país.

2013, p. 158). Por isso, o cotejo é essencial e constitui o método sociológico bakhtiniano. Impossível analisar um enunciado sem considerar a sua relação com outros e sem situá-lo. Um enunciado não é algo *per se*, mas uma construção dialógica.

Esses exemplos demonstram como as redes são uma arena onde se digladiam vozes sociais e se revela a luta de classes e grupos; como um *locus* a partir do qual é possível se pensar o signo ideológico e discutir os processos discursivos oriundos das tensões políticas. Por esses rápidos exemplos, vê-se que há um processo discursivo que coloca em pauta juízos de valor e vozes de grupos sociais em embate (o que fica explicitado quando se coloca os enunciados lado a lado e se entende que um responde ao outro).

Ganha força a ressignificação do enunciado “resistência”, que revela uma dialética dialógica (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011) de embates sociais – no caso, entre direita e esquerda, aqueles que se encontram no e os que estão fora do poder.

A reflexão aqui empreendida pretende contribuir com os estudos bakhtinianos ao se debruçar sobre a contemporaneidade, por meio de uma análise de enunciados sincréticos da esfera midiática (colocada em contato com o campo político) e seus processos discursivos, pois ensaia discutir como a política brasileira é tratada nas redes e como as redes afetam a política e refletem e refratam posicionamentos de vozes sociais em embate; e ainda analisar a luta discursiva travada em meio digital, extrapolado para outros contextos.

1 A palavra (na) arena

Como já dito, este artigo se ancora nos estudos bakhtinianos para tratar das valorações na linguagem e do modo como grupos sociais por ela se manifestam. A noção de signo ideológico é aqui mobilizada para se pensar a interação entre vozes sociais antagônicas. A primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), a primeira parte de *O Método Formal nos Estudos Literários* (2012) e o ensaio “A palavra e sua função social” (do livro *A construção da enunciação e outros ensaios*, 2013) são os textos base dessa discussão porque tratam da linguagem em seu vértice histórico e aludem a uma visão sobre enunciado que, para Volóchinov, Medviédev e Bakhtin, comportam-se de modo dialógico.

Bakhtin explicita, em “O problema do texto” (em *Estética da criação verbal*, 2011), como pensa sua filosofia da linguagem, pois apresenta uma visão sobre textos e procura compreendê-los enquanto processos culturais em contato construtivo. Essa é a visão aqui:

enunciados são atos concretos de linguagem, que participam da interação como respostas ativas carregadas de valorações.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017) se encontra, com maior afinco, a ideia de signo ideológico. Nessa obra, Volóchinov discute que o domínio da ideologia coincide com o domínio do signo. Volóchinov se empenha em demonstrar o quanto os fenômenos ideológicos estão ligados aos signos e apresenta a natureza do signo ideológico, principalmente a partir das noções de reflexo e refração.

A compreensão do signo ideológico, explica Volóchinov, está condicionada à interação com outros signos: “Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Volóchinov compreende o signo no movimento, ou seja, nos termos do próprio autor, o signo está ligado às (é palco/arena¹² de) lutas, uma vez que os campos da criação ideológica têm sua lógica específica de organizar a língua(gem) em face de sua realidade, de maneira refratada. E é exatamente isso o que ocorre com o signo “resistência”: o embate instaurado nos dois *posts* elencados para análise traz à tona o jogo dialógico entre valores e grupos que aponta para uma lógica de vida antagônica e suas visões.

Segundo Volóchinov, “a palavra¹³ é o fenômeno ideológico par excellence.” (2017, p. 98, grifo do autor). O autor constrói seu pensamento a partir do caráter representativo da palavra, que pode se tornar “material sígnico interior”, ligada a todo “ato ideológico”. O signo leva a pensar na concepção de língua para o Círculo. Volóchinov (2017) se debruça sobre isso e alega que o estudo da língua não pode partir de uma abstração, mas sim de uma ideia de vida (BAKHTIN, 2017) e enunciado, contrária à teorização que perde a concretude singular do evento: “A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 157). Palavra, nesse sentido, não é apenas um lexema, mas sim um enunciado completo, que engata a língua(gem) numa situação histórica valorativa e revela o posicionamento de um sujeito social, num ato discursivo, como é o caso de “resistência”, nos

¹² Será usado o par palco/arena porque a versão de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* utilizada traz palco como termo traduzido, enquanto a versão traduzida do francês toma o termo como arena. Conceitualmente, arena traduz melhor a ideia de embate entre vozes e valores sociais. Optou-se, então, em usar o termo como par palco/arena, ao considerar as duas traduções do termo russo e a concepção filosófica do Círculo.

¹³ Como conceituada pelo autor: “pureza sígnica, caráter ideológico neutro, participação na comunicação cotidiana, capacidade de ser palavra interior e presença obrigatória como fenômeno em qualquer ato ideológico consciente”. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 101).

enunciados aqui analisados. A afirmação de que a palavra “resistência” será analisada não se refere apenas ao lexema, mas ao sentido por ele construído num contexto específico de comunicação, por sujeitos específicos, como evento único e elo discursivo.

Como os signos nascem da interação social e se movimentam a partir das vozes, resulta que a compreensão do caráter dos signos passa pela ideia de diálogo e responsabilidade. O enunciado se relaciona ao responder a outros e, com isso, coloca em movimento vozes e valores. As respostas entram na cadeia discursiva das relações dialógicas (BAKHTIN, 2011) com outros sentidos. A resposta é fundamental, pois revela a dinâmica compreendida pelo Círculo quanto à cultura em seu pequeno e grande tempo, por meio das forças centrífugas e centrípetas no jogo entre infra e superestrutura.

Essa visão possibilita compreender como os grupos produzem sentidos variados sobre a vida. Nos enunciados aqui analisados, os *posts* têm seus sentidos de resistência vivos porque participam do jogo dialógico e se encontram em contato com outras significações. Bakhtin alude ao mesmo cenário de valores ao afirmar que “[...] a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação [...] minha atividade avaliativa em relação ao objeto [...]” (2017, p. 85). Além de conter a ideia de atividade (movimento, construção), Bakhtin assume, em seus termos, que a palavra não foge à entonação, pois a realidade por ela construída possui um tom avaliativo concreto.

A composição dialógica nodal da língua(gem) compreende a interação entre grupos e esferas, o que Bakhtin entende como jogo dinâmico: “Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas.” (BAKHTIN, 2011, p. 409-410, grifo do autor). Essa é a visão do Círculo sobre textos: compreender que o enunciado, singular e responsivo, permanece perpassado por valorações concatenadas umas às outras. Esse é um dos princípios que regem a filosofia bakhtiniana, voltada para o movimento fronteiro.

2 Enunciado em cena

Os estudos bakhtinianos concebem a palavra como integrante ativa da interação discursiva. Isso significa que, como signo ideológico, seus sentidos referenciam a pontos de vista pertencentes a classes ou grupos sociais que organizam a linguagem a partir de seus valores e que lhe inserem uma lógica discursiva, reflexo e refração de suas vozes.

Nesse sentido, a ideologia se materializa na linguagem, que a constitui e é por ela constituída. A cadeia discursiva se constrói, desse modo, de maneira responsiva e dialógica

(diálogo entendido como embate entre vozes sociais de valores contraditórios, o que faz pensar a bivocalidade polêmica do signo, que pode ser usado de maneira ressignificada, com sentidos opostos). Os enunciados são elos e arquitetam as relações, respondendo uns aos outros – princípio básico do Círculo sobre enunciação: o potencial responsivo, avaliativo.

Essa é a concepção que baliza a reflexão acerca dos enunciados aqui analisados, pois eles se constituem como enunciados concretos que agem (respondem e suscitam respostas ativas) na cadeia discursiva, ao trazerem à tona as valorações que refletem e refratam as vozes sociais (por vezes, ambivalentes, pois contrárias e contraditórias, logo, bivocais polêmicas) que os constituem. Ao mesmo tempo, os enunciados são elos singulares, pois arquitetam um projeto de dizer num ato discursivo que se revela num evento único.

Conforme aponta Volóchinov, o enunciado (que pode ser composto por uma onomatopeia ou um tratado filosófico e pode se materializar apenas por uma das dimensões da linguagem ou na síncrese entre elas) integra o processo discursivo, remete a outros espaços-tempos (passado e futuro) e responde à cadeia dialógica. Os enunciados, aqui, respondem um ao outro e revelam valorações tanto sobre o que é resistência para cada ponto de vista (e vale ressaltar que os pontos de vista não são homogêneos) e para cada voz social, quanto posições axiológicas referentes ao governo e a construções de sujeitos políticos.

Como enunciados, os *posts* integram um acontecimento social: as eleições à presidência da república no Brasil de 2018 e a vida política dos sujeitos e do país desde esse evento. Respondem à cadeia discursiva, ao gerarem sentidos no pequeno e grande tempo da cultura de maneira singular (cada qual com sua configuração). O teor crucial é a resistência e a oposição ao governo, ao que concerne às promessas persecutórias de campanha.

Os *posts*, retirados de páginas do *Facebook*, têm interesse político, mas como valores antagônicos. Eles revelam a lógica bivocal polêmica da interação social, calcada na bipolaridade direita e esquerda, “petralha” e “cozinha”, “nós e eles”, democracia e autoritarismo, progresso e retrocesso, vermelho e verde e amarelo, paz e guerra, livro e arma, entre outros. Eles podem ser compreendidos como signos ideológicos, uma vez que cada um reflete e refrata vozes da vida social a partir de um lugar singular avaliativo.

Desse ponto de vista, analisá-los significa refletir, como aponta Volóchinov (2013), sobre a composição social (segundo o autor, a vida não atinge o enunciado por fora, não é algo “extra”, mas sim por dentro, intrínseca), uma vez que o enunciado é um ato de linguagem situado e histórico. Volóchinov (2013, p. 158) pensa a “essência efetiva da linguagem” como

interação, realizada por enunciações. Nesse sentido é que o autor (2017; 2013) aponta para uma estrutura sociológica do enunciado, em relação com a vida (produção, circulação, recepção) e os *posts* expressam essa ligação enunciativa com a vida.

O primeiro *post*, retirado da página *Quebrando o tabu*, circulou (e ainda circula) nas redes sociais e em outros contextos como símbolo de resistência ao governo recém eleito. Ainda que não apresente explicitamente o lexema “resistência”, a construção do enunciado diz respeito a um modo de resistir que revela um posicionamento em relação ao governo e à ideia de sujeito (unido, de mãos dadas). Nesse sentido, o enunciado compreende não só uma resistência no sentido de oposição política, mas também um modo de vida coletiva, por sobrevivência. O enunciado remonta aos tempos da Ditadura Militar, em que pessoas sumiam nas Universidades e, para se protegerem, gritavam umas às outras: “Ninguém solta a mão de ninguém”. Como o enunciado é historicamente situado e responde a outros, este remete às ameaças do então candidato (hoje presidente) que prometia “varrer” do Brasil (seja pela morte seja pela prisão ou ainda pelo exílio) determinados grupos sociais, entendidos como inimigos.

A dimensão visual materializada no *post* confirma os sentidos enunciados nos planos verbivocal. Situado em uma página de *Facebook* intitulada *Quebrando o tabu* que, pelo nome, remete a ruptura processual e contínua (“quebrando”) de proibições sociais (o tabu, geralmente relacionado a preconceitos, como identidade de gênero e conflitos raciais e de classe, por exemplo), o *post* se relaciona com esse imaginário, voltado à defesa dos direitos humanos, das minorias e diferenças. Pelo *layout* e pelas *postagens* é possível traçar o perfil do público que segue a página e compartilha de seus valores: sujeitos não normativos ou que simpatizam com suas causas. O espaço onde esse enunciado se encontra construído situa as vozes sociais e juízos de valor que nele se constituem e também os que a página assume, principalmente em relação às propostas presidenciais e à tensão eleitoral do momento de publicação do *post*, que ganhou versões variadas (outros *posts*, vídeos de youtubers – pró e contra o Governo – peças, vídeos musicais, canções, livro, entre outros).

Volóchinov afirma que “Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista *avaliativo*.” (2013, p. 196, grifo do autor). Participante ativo na cadeia discursiva, o enunciado que segue apresenta uma visão sobre resistência e responde a outros (em oposição ao medo e à insegurança e em confirmação à força coletiva e protetora), gera sentidos e firma a posição tanto da página quanto dos sujeitos que curtem e compartilharam a publicação nos mais variados meios sociais.

O post pode ser dividido em quatro (4) partes, visualmente marcadas:

Figura 4¹⁴



Fonte: *Quebrando o tabu* (Facebook)

No plano central, as mãos, na horizontal, de lado a lado, unem-se com a flor, que atravessa todo o espaço central, na vertical. Em destaque, em primeiro plano, as mãos dadas se evidenciam, pois é este o enfoque do desenho: ninguém – sem rosto, sem corpo, sem voz, sem vez. Não há, como no enunciado seguinte, em que o resistente é o “vermelho”, a construção visual do sujeito que resiste. São os “ninguém” que se unem. Por isso, resistir significa união, ligação, conexão com o outro. A coletividade aparece como força entre “ninguéns” para visibilizá-los e torná-los “alguém”.

A mão é um símbolo valorado nos dois posts: em um, este primeiro, simboliza a união, a junção ao outro (e a união significa resistência); no outro a ser analisado, o sujeito “vermelho” está sozinho e virado para o lado oposto aos demais com os punhos fechados e as mãos erguidas. Aquela resistência é, na charge, considerada prejudicial.

O jogo do signo ideológico é esse: a valoração da palavra varia, inclusive, ao trazer à tona vozes antagônicas, de situacionalidades distintas. A resistência-união do primeiro *post* é valorada no segundo como prejuízo ao país. Essa é a vida dialógica do signo quando se tem como concepção de linguagem a heterogeneidade.

¹⁴ Como legenda do *post*, *Quebrando o tabu* coloca: “Tamo junto (e três gifs de coração vermelho)”.

As vozes dos sujeitos, que vivem na e pela linguagem, quando enunciam e são enunciados, expressam valores que constroem “verdades” e revelam posicionamentos. Mesmo aquele que fala só, em frente ao espelho, exemplo já dado por Bakhtin, não está em um monólogo solitário, pois a língua e a vida são dialógicas por natureza (BAKHTIN, 2016). “É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora feitas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem o *reconhecimento social* [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111, grifo do autor). Mesmo os momentos mais solitários também são integralmente dialógicos, uma vez que neles ecoam e ressoam outras vozes, suas e de outros (internos e externos). Com o signo ideológico “resistência” não é diferente. Desse modo, esses *posts* remetem a lógicas discursivas de campos e vozes específicas em contato fronteiro.

A flor, exposta no desenho (Figura 4), é um marco também respondente. Contra as armas, as flores, a paz e o amor (o que remete ao evento histórico conhecido como *flower power*¹⁵), a confirmação da delicadeza perdida, trocada pelas armas e o ódio existente na boca de Bolsonaro. A resistência é a união desses “ninguém”- flores que foram arrancados do solo social inclusivo pela raiz da indiferença e pela intolerância violenta que quer matá-los. Esses sujeitos estão unidos (conectados pelas mãos), apesar dos espinhos que continuam presentes ali. Resistir, nesse sentido, significa se juntar ao outro, apesar das feridas, unir-se para além da dor do preconceito e da discriminação, do estupro e da violência doméstica, do insulto, da tortura, da morte e da tentativa de “cura”, em voga pelo candidato-presidente e seus eleitores.

A força dessa resistência se dá pela delicadeza e pela insubordinação da flor que atravessa o caminho, fura o asfalto (como declamaria Drummond, em “A flor e a náusea”, n’A *Rosa do Povo*), mesmo que sem cor (o desenho feito para tatuagem não é colorido, ao contrário, é monocromático, feito com traços de lápis preto) e com espinhos.

A união está cravada na rosa, que une as mãos no centro do desenho e divide o espaço para a entrada do verbal em quatro partes: na parte de cima, do lado esquerdo de quem vê, *gauche* (como o sujeito do “Poema de sete faces”, também de Drummond), aparece o lexema “Ninguém”; enquanto do lado direito, também na parte superior da imagem, encontra-se o

¹⁵ Slogan usado pelos *hippies* nos anos 60/70 contra a violência e contra a guerra do Vietnã. Na marcha ao Parlamento contra o desarmamento e contra a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã, desarmados, jovens ficaram frente a frente com a polícia. Rifles apontados para eles e uma jovem, num gesto ousado de resistência, colocou uma flor no cano de uma arma e a imagem que se tornou símbolo histórico de resistência “paz e amor” desmontou a guerra: contra os tiros de balas que matam, a população clamava por flores, gestos de compaixão e amor, que desabrocham de dentro dos canos de ferro das armas de fogo.

lexema “Solta” (a direita livre); na parte debaixo, do lado esquerdo, “a mão de” (que, por aproximação fonética, pode remeter a “a mando de”); e, do lado direito, na parte inferior do desenho, novamente a inscrição “ninguém”. Todas as expressões verbais se encontram grafadas em caixa alta e letra bastão, desenhadas.

Há uma troca invertida entre as duas presenças de “Ninguém”: à esquerda, na parte superior do desenho; e à direita, na parte inferior. As duas inscrições coadunam com as duas mãos que se encontram ao centro. Mas, mais que isso, elas revelam hierarquias. Não é à toa que esses lexemas se encontram dispostos nesses locais: a esquerda superior e a direita inferior. Esses posicionamentos revelam a valorização elevada à esquerda em detrimento da direita. Mais, é possível até afirmar que a direita que se une à esquerda, no centro da imagem, é a direita infraestrutural, baixa hierarquicamente (o que remete à população menos favorecida). Da mesma forma, não é à toa que no quadrante direito superior do desenho, o lexema inscrito é “solta” – a direita superestrutural, abastada, livre; enquanto no quadrante esquerdo inferior, a expressão “a mão de” pede complemento: a outra mão, do outro lado.

Dividido em quatro, uma outra leitura, vertical, do *post* pode se apresentar: do lado esquerdo, “Ninguém” e “a mão de”; do lado direito, as inscrições “solta” “Ninguém”. Variações de leituras podem emergir dessa divisão, como: “Ninguém solta ninguém”, por exemplo. Há uma aglutinação verbal do lado esquerdo do desenho, que torna o desenho mais habitado desse lado e pode remeter à base da pirâmide social, símbolo da maioria popular; enquanto o lado direito, com apenas dois lexemas, sendo a parte de cima povoada pelo menor deles, sozinho, expressa hierarquia: a minoria do topo da pirâmide social.

As leituras verticais são plausíveis pela marca gráfica do verbal, expresso como imagem, com palavras divididas (“NIN/GUÉM”, “A/MÃO/DE”), na vertical, o que sugere à visão, pela distribuição gráfica, uma leitura vertical, assim como as imagens das mãos e da flor que, de certa forma, dividem o espaço e o cortam em cruz, horizontal e verticalmente.

Finalmente, numa leitura mais convencional (da esquerda para a direita e de cima para baixo), o leitor tem acesso à frase que viralizou o *post*: “Ninguém solta a mão de ninguém”. Do vigor da resistência entre as mãos dos dois lados da oposição espacial (e política – direita e esquerda que se unem) desabrocha uma flor, a despeito da espada que aparece no segundo enunciado (como será visto), em resposta a este.

O segundo *post*, retirado da página *Bolsonaro Opressor*, traz, além da valoração referente a “resistência”, a constiuição do sujeito “petista” e do sujeito “mito militar presidencial”, a partir da visão da página e das vozes sociais que a constituem:

Figura 5



Fonte: *Bolsonaro opressor* (Facebook)

Pelo jogo das cores (muito destacadas nas campanhas dos dois candidatos à presidência da república no segundo turno de 2018), o enunciado ressoa a representação política do Brasil, em que o “verde e amarelo” é a tônica que dá a direção. Um suposto nacionalismo emerge como salvação, calcado em valores e estratégias discursivas muito próximas àquelas utilizadas nnos anos 60/70, no período ditatorial brasileiro.

No enunciado da charge postada, o sujeito que resiste afirma, no âmbito do registro verbal, em caixa alta (símbolo gráfico de exaltação vocal fônica – grito), que será “RESISTÊNCIA”. Essa marca expressa uma entoação de exaltação e luta que se confirma pelo visual (braço erguido com punho fechado e rosto com testa cerrada), que revela manifestação de discordância e oposição.

A despeito da construção dos demais (a língua fora da boca, que demonstra esforço de um dos sujeitos, o remo nas mãos de todos que se dispõem a colaborar e a se “sacrificar” em prol da “salvação” do barco-país, o capacete de operário num outro sujeito e a sombra dos demais, que simbolizam apenas uma massa não identificada, marcada como colaboradora por portarem remos), o sujeito vestido de vermelho (com uma estrela – símbolo do Partido dos Trabalhadores - no peito, estampada na camiseta) não ajuda (encontra-se sem remo e de

costas, no fundo do barco), apenas manifesta-se como resistente e essa postura é valorada de maneira pejorativa na charge, que critica, de maneira ácida e irônica, tal postura, entendida como aquela que coloca o barco-Brasil em perigo.

De todos os sujeitos, os destaques se voltam às duas pontas do barco: o sujeito resistente, colocado como o que torce contra, que caminha para a direção contrária, nada faz e só reclama; e o sujeito presidente militar, seguido por todos, mas que também nada faz, apenas aponta (manda, comanda) o rumo da embarcação, à frente, na extremidade oposta.

O resistente está do lado esquerdo de quem vê o *post*, enquanto o presidente militar está na ponta oposta, à direita da embarcação. Esses lugares refletem e refratam as vozes e os posicionamentos políticos de direita e esquerda, colocados como forças centrípetas (a hegemonia revelada pela maioria voltada à direita, ao militar e seus valores e comandos) e centrífugas (a posição do militar e do manifestante, nas pontas do barco-país) que podem dividir a embarcação, logo, os rumos da nação. A responsabilidade dessa divisão é imputada, no enunciado, ao resistente, pois, na visão dos demais, que, por sua vez, sem paciência, respondem a ele e o ordenam que colabore, caracteriza-se como alguém que atrapalha e coloca o país em risco (voltado ao “precipício”), por seu posicionamento distinto à massa.

Mais alto que os demais, o sujeito militar se encontra com uma perna sobre a embarcação, o que remete ao *slogan* da campanha de Bolsonaro (“Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”). Seria ele o Deus-Messias que pisa em tudo e todos? Não se encontra explicitado o rumo para onde o comandante direciona o barco-Brasil, mas os tripulantes (a exceção do “petista”) obedecem à ordem, movidos pelo valor (a fé) de que todos precisam se “sacrificar” para “salvar a nação”. Salvar do precipício para o qual o barco-Brasil, de costas – marcha ré, o que remete a retrocesso em oposição ao “progresso” típico do discurso do candidato-presenciável à época – puxado pela correnteza da água, seguia, segundo os eleitores do presenciável, sob o comando do PT (mesmo que a presidência se encontrasse, há mais de um ano, depois do *impeachment*, sob as rédeas do MDB).

As cores do *post-charge* revelam muito sobre a valoração incutida à resistência, bem como constroem representações sociais. Nas eleições presidenciais de segundo turno, vermelho, verde e amarelo trouxeram valorações referentes a projetos de Brasil diferentes. No *post*, há a construção de um sujeito “vermelho”, cuja vestimenta alude, de modo claro, ao PT. Esse é o sujeito que resiste (em remissão, também, à fala de Haddad após os resultados das

eleições, que se colocou como resistência) e ele responde aos sentidos que resistência adquiriu em enunciados como o do primeiro *post* (de união em oposição ao totalitarismo).

Todo sujeito que discorde do comandante passa, por analogia ao que está posto na charge, a ser considerado “petista” e esse signo, valorado pejorativamente, como “do contra” e não “colaborador”, um atravanque para o progresso da nação. Esse valor continua estigmatizado. Qualquer um que discorde ou questione qualquer ação do governo é enquadrado como “petista”, “vagabundo”, “comunista” e entendido como prejudicial à nação.

Os dois sujeitos colocados nas extremidades do barco-Brasil refletem e refratam vozes diversas e antagônicas. Enquanto o sujeito que resiste está valorado como prejudicial ao barco-país, o outro lhe dá direção. Nesse *post*, a resistência leva a nação ao precipício. Resistir às ordens do condutor militar significa atrapalhar a salvação de todos e o “progresso” do país.

Resistir, nesse contexto e visão, significa “torcer contra”, como muitas vezes, em outros enunciados e em outras situações, foi explicitamente expresso por seguidores do presidente. O cenário em que o sentido de resistência é construído no segundo *post* comporta um barco-Brasil em que todos estão. Com isso, a resistência de um único sujeito prejudica o outro embarcado. O ato de resistir muda de valoração, pois passa, de solidário a egoísta.

O sujeito “vermelho” se opõe ao condutor do barco-nação e esse ato, colocado na fala do operário¹⁶ que se encontra ao seu lado, revela uma suposta visão dos trabalhadores, sem paciência e irados com os “petistas”, pois sua fala (dimensão verbal) é agressiva com o resistente: “Ah, cala a boca e ajuda a remar!”. Essa indisposição para com o outro, diferente, coloca sujeitos que, potencialmente, compactuariam, como opositores. Nem mesmo o trabalhador tem mais paciência com o “petista”. Desacreditado, solitário e isolado, o resistente é colocado como minoria (na verdade como único). Com sua voz desvalorizada, a sua resistência é encarada como “mimimi”, como “birra” de quem “não aceita perder”.

Nos dois enunciados, o sujeito que resiste expõe a mão como símbolo de resistência. A mão com o punho fechado estendido, como aparece no segundo *post*, é um dos símbolos do feminismo e sempre essa representação significa luta. No primeiro *post*, as mãos estão ligadas e simbolizam união. No segundo, o punho fechado da luta é valorado como teimosia sem sentido (“rebeldia sem causa”). Essa divergência é o princípio da abertura à plurissignificação

¹⁶ Não se pode esquecer a importância histórica de Luiz Inácio Lula da Silva no PT e sua ligação com os sindicatos, especialmente com os metalúrgicos e o setor fabril. Assim, a fala voltada ao sujeito resistente é muito significativa porque representaria a voz de um igual (um trabalhador), teoricamente, eleitor potencial do PT.

do signo ideológico discutido neste artigo desde o início, pois revela a bivocalidade polêmica em embate no jogo enunciativo, composto por valorações opostas, oriundas da tensão política vivida no país, refletida e refratada no signo.

Os enunciados apontam para uma avaliação de caráter social e arquitetam a realidade a partir das “verdades” de cada esfera e de cada grupo. Como afirma Volóchinov, “Cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista.” (2013, p. 198). O resultado da eleição presidencial tomou diversas valorações: a resistência, calcada na união, como no primeiro *post*; e também como reclamação sem sentido, a não ser o da torcida adversária (como se o destino de um país fosse uma partida de futebol), prejudicial, como colocado no segundo *post*. As duas realidades se tocam e se relacionam no embate ideológico das vozes sociais nas mais diversas esferas e nos mais variados enunciados.

Segundo Volóchinov, “[...] a palavra torna-se a arena de classes, a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientadas de modos distintos.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 197). O signo ideológico assume diversos tons e entonações sociais e é ressignificado a partir do ponto de vista, como exposto. Como palco/arena, o signo nasce na interação e sua compreensão urge outro signo. Os *posts* analisados aqui são respostas aos sentidos de resistir porque se inserem na cadeia discursiva de modo ativo na cultura.

Considerações finais

Este artigo demonstrou, por meio da análise de dois *posts*, entendidos como ilustrações significativas (dada sua circulação viralizada, icônica de uma prática socializada relacionada à noção de resistência – inclusive em outros tantos enunciados, como alguns poucos trazidos como cotejo), como os sentidos são produzidos nos signos, considerados, pelos estudos bakhtinianos, ideológicos; e o quanto a língua(gem) é aberta, heterogênea e plurissignificativa. Para isso, refletiu-se sobre o signo “resistência”, desde o período das eleições presidenciais no Brasil, em 2018, a partir das noções que fundamentaram as reflexões empreendidas: signo ideológico e enunciado, mais especificamente.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), Volóchinov explica a ambivalência plurissignificativa da potencialidade aberta da dialética interna do signo: “Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113). A resistência-

proteção, coletiva, que constitui o desenho analisado, torna-se, em outra lógica, responsiva, da charge, valorada como prejudicial ao país, pois ato contra a pátria “verde e amarela”. Assim, se em um *post*, o signo resistência está calcado no amor, na união e na paz da delicadeza da flor, no outro, ele é valorado como “mimimi” não colaborativo a um ambiente amparado pela autorização do porte de arma (simbolizada pela espada que se encontra junto ao corpo do sujeito militar com faixa presidencial, que dirige o barco-nação), como fator de birra do “vermelho” que resiste sozinho, contrário ao movimento de “salvação” do barco-Brasil prestes a cair no precipício, como verbalizado na charge.

A dialética-dialógica de valorações contrárias e contraditórias que orbitam o signo “resistência” e sua vida social tensa, desde o processo eleitoral ocorrido no Brasil em 2018, revelou o quanto o signo é plurivalente e como as vozes sociais constroem sujeitos e realidades em confronto, de forma polêmica, seja pela bivocalidade aberta seja pela fechada, explícita ou veladamente – a depender da situação enunciativa. Segundo Volóchinov, “Para ser exato, somente graças a esta refração das opiniões, avaliações e pontos de vista, o signo é vivo e móvel e é capaz de desenvolvimento.” (2013, p. 199).

A vida do signo está ligada ao embate de vozes, que respondem, de forma variada e singular, aos sentidos da vida na cadeia discursiva. Os embates, já que o signo é palco/arena onde os valores se encenam/digladiam, expressam sujeitos e valorações: a resistência como união positiva é ressignificada e como prejudicial.

As noções de resistência vivem, nutrem-se e morrem na interação, no contato entre sujeitos. Segundo Volóchinov (2017; 2013), essa é a causa da refração: “Nenhuma palavra reflete com absoluta precisão (‘objetivamente’) o seu objeto, o seu conteúdo. A palavra não é, de fato, a fotografia daquilo que denota.” (2013, p. 195). O contato com a realidade é mediado por um ponto de vista avaliativo, como ocorreu nos *posts*. Os enunciados constroem uma verdade a partir de seu horizonte. E cada construção é reflexo e refração, materializada no signo, entendido como palco/arena em que os índices sociais se relacionam.

Volóchinov afirma que “A palavra, por sua própria natureza intrínseca, é *desde o início* um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo.” (2013, p. 193, grifo do autor). Os sentidos de resistência participam de movimentos discursivos, sempre valorados. Tais discursos constituem a cadeia dialógica, tal qual a língua e a vida. No cerne da linguagem estão em jogo

enunciados como atos responsivos situados, que envolvem sujeitos, construtores da e construídos na linguagem, pela relação de alteridade (BAKHTIN, 2011; 2017).

Pelos fundamentos do Círculo, compreender o enunciado como ato singular e elo na cadeia verbal, como foi feito aqui, é fundamental para refletir sobre o processo de valoração, até porque o signo é o palco onde se encenam diversos índices ideológicos, em interação. Bakhtin afirma que “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo.” (2011, p. 401). Os *posts* analisados são respostas socioculturais que revelam valores sobre o que é resistir, o que é governar e ser “cidadão”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), Volóchinov, ao discorrer sobre o signo ideológico, aponta para os índices que o permeiam. Os valores constroem o que o autor chama de *dialecicidade interna* (2013, p. 200), pois as relações afloram e se revelam em “épocas de crise social e de movimentos revolucionários”. O cenário político e social, não só pelas eleições de 2018, mas também pelos acontecimentos anteriores e posteriores a elas, configura-se como momento da política brasileira de efervescência e conflitos sociais.

O signo ideológico, nesse cenário, é, como aponta Volóchinov, o palco/arena em que as noções de justiça, bem, ética, verdade, cidadania, entre outras, são atingidas pelas visões de mundo e pelos juízos de valor dos sujeitos. A ideia de resistência passa pelo mesmo processo, que revela a divisão não apenas de posicionamentos, mas, por conta das diferenças que agrupam ou separam os sujeitos, dadas suas identificações ou repulsas, a divisão de uma nação. Por um lado, um grupo que preza pelos direitos humanos, pelo respeito às diferenças, pela conviência com a heterogeneidade, em nome da união e da paz coletiva; e, por outro, um grupo que segue às ordens de um líder que elegeu para um posto de comando e que se sacrifica em nome de um progresso prometido com armas e ódio, que vê resistência como oposição e divergência política como inimiga a ser combatida, calada e excluída.

No interior do signo “resistência” é possível visualizar a ambivalência e a disputa de poder, não entre partidos (ainda que um deles esteja explicitado – de maneira negativa, demonizado – no segundo *post*), mas entre sujeitos comuns. Essa disputa que dividiu o país é um embate valorativo entre os que se colocam como mais democráticos, flexíveis, tolerantes e pacíficos e os que fazem questão de se manifestar pelo ódio, pela obediência civil, em prol do armamento e da intervenção militar, contra os próprios direitos conquistados historicamente.

Como essa luta entre grupos se institui é tema para outro texto, mas pode-se dizer que em era de construção de “verdades” (que tem sido chamada – ainda que o título seja questionável e mereça uma reflexão mais aprofundada – de era da pós-verdade), em que informações “fake” ganham *status* de “verdade” incontestável, as crenças e opiniões subjetivas e pessoais, fundamentadas em vídeos caseiros e em informações compartilhadas pelas redes sociais, surgem como novo parâmetro de conhecimento e informação. Para uns, é preciso questionar e resistir ao que está instituído como nova ordem; para outros, essa é a “nova era” e resistência significa atraso e desordem. Os contrários são mais complexos que isso. O mundo é mais do que direita e esquerda, sim e não, claro e escuro, mas essa dicotomização positivista, contra o cientificismo, a educação e tudo o que pode simbolizar um “inimigo” perigoso também tem sido combatido, como Quixote diante dos moinhos de vento que a ele se agigantam. Talvez, o questionamento seja uma resistência, de fato, perigosa demais, pois pode despertar do transe da cegueira branca de Saramago.

De todo modo, resistência é a palavra da vez, seja a resistência ao governo seja a resistência pelo e do governo, pois verdades são construções sógnicas, sempre ideológicas, e sujeitos sempre se posicionam, mesmo quando decidem sequer pensar sobre essa temática, pois a vida social assim está constituída no quadro que se apresenta – e não apenas no Brasil.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. (Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco). 3.ed. São Carlos: Pedro & João, 2017.

_____. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOLSONARO OPRESSOR. *Facebook*. Disponível em <https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/?tn-str=k*F>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. *Facebook*. Disponível em <<https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1054710761382529/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. *Facebook*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1056605014526437/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. *Facebook*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/BolsonaroOpressorOficial/photos/a.905069896346617/1055768574610081/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, L. ; FIGUEIREDO, H; PAULA, S. L. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, G. (Org.). *Slovo - O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. 1ed. Curitiba: Appris, 2011, v. 1, p. 79-98.

QUEBRANDO O TABU. *Facebook*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/quebrandootabu/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. *Facebook*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330/2206309282758780/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. *Facebook*. Disponível em
<<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/2168901539832888/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

RIBEIRO, M. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: GALLEGO, E. *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 85-91.

VOLÓCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

*Recebido em 09 de junho de 2019.
Aceito em 15 de novembro de 2019.*